A industrialização do fumo e o capital estrangeiro numa comunidade de imigrantes alemães no sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1918-1976)

Tobacco industrialization and foreign capital in a community of German immigrants in southern Brazil (Santa Cruz do Sul, 1918-1976)

Andrius Estevam Noronha*

RESUMO: Esse trabalho aborda um estudo sobre a trajetória da indústria fumageira de uma comunidade de imigrantes alemães no sul do Brasil, mais especificamente o Município de Santa Cruz do Sul, localizado a duzentos quilômetros de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. O recorte temporal dessa análise está situado entre os anos de 1918, período de consolidação da indústria fumageira local, até 1976, contexto que parte importante dessas empresas acabaram sendo incorporadas ao capital estrangeiro. Para entender como ocorreu esse processo faremos a análise do processo de consolidação da indústria fumageira local; em seguida, uma descrição das relações entre a comunidade e o capital estrangeiro; por fim, uma síntese do processo de internacionalização da indústria do fumo de Santa Cruz do Sul.

Palavras Chaves: Santa Cruz do Sul; imigração alemã; História local/regional; capital estrangeiro; indústria fumageira

ABSTRACT: This paper is a study on the history of tobacco industry in a community of German immigrants in the Santa Cruz do Sul, in southern Brazil, located two hundred kilometers from Porto Alegre, which is the capital of the State of Rio Grande do Sul. The period selected for the analysis is between the year of 1918 that represents the local tobacco industry consolidation and 1976, a context in which significant part of the companies was incorporated into foreign capital. In order to understand this process, an analysis of the tobacco industry consolidation and development is carried out, as well as a description of the relations between the community and the foreign capital; finally, the study proposes a synthesis on the process of internationalization of the tobacco industry in Santa Cruz do Sul.

Keywords: Santa Cruz do Sul; German immigration; Local / regional history; foreign capital; tobacco industry

Introdução

Esse artigo analisa o processo de industrialização associado ao capital estrangeiro de uma comunidade de imigrantes alemães do sul do Brasil que se especializou na economia fumageira no

* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). É Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá atuando nos seguintes cursos: Mestrado Profissional em História (Pro-história); Mestrado Acadêmico em História; Especialização em História e Historiografia da Amazônia; Curso de Licenciatura em História. É pesquisador do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (Cepres) e do Grupo de Estudos Coloniais Amazônicos (Gescam). Atua nas seguintes áreas: História Moderna, Ensino de História Medieval e Moderna, História do Brasil Colonial, História da América Colonial, Metodologia da Pesquisa em História. Tem experiência em Imigração Alemã no Brasil, História Social das Elites, História local/regional, História do Amapá, na elaboração de Banco de Dados em História, Prosopografia e Paleografia. E-mail: andriusds@hotmail.com

século XX. A cidade de Santa Cruz do Sul, situada a 200 km da capital estadual, Porto Alegre, foi objeto de estudo de vários pesquisadores que visualizaram, numa escala local, as etapas históricas de desenvolvimento industrial ocorridas no Brasil a partir da I República. A associação da industrialização local com o capital estrangeiro esteve presente nessa comunidade, reforçando assim a tese sobre o capitalismo dependente amplamente discutido por historiadores, economistas e sociólogos que analisam a América Latina.

As pesquisas que abordam o desenvolvimento econômico de Santa Cruz do Sul no século XX estabelecem dois recortes cronológicos: o primeiro, de consolidação da indústria local, compreendendo um contexto amplo, de 1918 até 1966; o segundo, marcado pela inserção do capital estrangeiro na economia local, que começou em 1966 e se estendeu, na análise de Montali (1979), até 1976. A pesquisa de Andrius Estevam Noronha (2012) procurou descrever a formação da vila de Santa Cruz e sua aspiração a tornar-se uma cidade, bem como a ambição de médios agricultores e comerciantes de se estabelecer no meio urbano como forma de se distinguir dos que viviam no meio rural.

Cadoná (2002) abordou a formação política da burguesia local entre os anos de 1940 e 1976 e subdividiu esse recorte temporal em duas fases: a consolidação do parque industrial, de 1918 até o ano de 1966, e a internacionalização da economia fumageira, que segue a partir de 1966. Trata-se de um recorte próximo ao que foi construído por Montali (1979). A historiografia que analisa a evolução empresarial do setor fumageiro de Santa Cruz do Sul tem como divisor de águas o ano de 1918, pois a partir de então ocorreram importantes fatos que alavancaram o processo de industrialização em larga escala do beneficiamento de fumo e da fabricação de cigarros na cidade.

Em minha pesquisa de doutorado, Noronha (2012), descrevo a consolidação, instalação e formação de três estabelecimentos de Santa Cruz do Sul considerados referência na produção de fumo no sul do Brasil: a consolidação da Exportadora Hennig S/A, em 1918, como a maior empresa de beneficiamento de fumo do estado; a instalação da primeira empresa de capital estrangeiro na região, a Companhia Brasileira de Fumos em Folha, no ano anterior, ligada à poderosa British American Tobacco, a maior indústria de cigarros do mundo, que, a partir de 1955, será conhecida como Souza Cruz; a formação, através da fusão de médios empresários do setor de beneficiamento de fumo, da Companhia de Fumos Santa Cruz S/A, a maior indústria de cigarros de capital nacional do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1918. Esses acontecimentos se somaram à inauguração da Associação Comercial e Industrial (ACI) de Santa Cruz, consolidando a formação da elite econômica local.

A ACI permitiu elevar o potencial de barganha dos empresários frente ao poder público, além de organizar estratégias que visassem à expansão comercial e industrial do município. Isso marcou uma nova fase no desenvolvimento econômico de Santa Cruz do Sul, pois a capacidade de articulação política do empresariado local, firmado na preocupação de defender seus interesses, permite visualizar o estágio de maturação que a cidade alcançava. Vale destacar que a população já ultrapassava os 36 mil habitantes, além de o município contar com uma vida urbana com serviços culturais como teatro e cinema. O perfil do perímetro urbano, com suas ruas calçadas, prédios de alvenaria, sistema de distribuição de energia elétrica e movimentação de veículos, simbolizava o crescente aquecimento da economia local.

Nesse processo, esse trabalho tem o objetivo de analisar como se desenvolveu o processo de industrialização da cidade de Santa Cruz do Sul inserido num dinamismo nacional de capitalismo dependente. Para alcançar esse objetivo dividiremos esse texto em três partes: a primeira abordará uma revisão bibliográfica do processo de desenvolvimento industrial de Santa Cruz do Sul; a se-

gunda analisa as relações da comunidade com o capital estrangeiro, presente desde 1917, em especial a subsidiária da British American Tobacco; e a terceira o processo acelerado de desnacionalização da indústria fumageira local iniciada em 1966.

1. A industrialização de Santa Cruz do Sul: uma revisão bibliográfica (1918-1966)

Mesmo que nossa análise tenha uma divisão arbitrária no recorte temporal (1918-1966), foi nesse contexto que ocorreu a consolidação das relações capitalistas do comércio urbano local, combinada com a progressiva expansão dos investimentos da elite econômica na indústria de Santa Cruz do Sul. Nesse período, a formação de uma entidade empresarial aumentava a capacidade de negociação dos agentes econômicos com o mercado estadual e nacional.

Para a historiografia que aborda as transformações econômicas da cidade, o fumo beneficiado e a indústria de cigarros se consolidam como carro-forte das exportações de Santa Cruz do Sul. A evolução da renda per capita levantada por Montali permite mensurar as dimensões da economia da cidade por volta de 1920. “Evidencia-se uma correlação do desenvolvimento contínuo do comércio de exportação e da renda per capita do município (1919 – 4\$300; 1923 – 12\$717; 1927 – 17\$841). Em apenas quatro anos (1919 e 1923), pós-I Guerra, a renda per capita saltou de quatro contos para dezessete, comprovando o contínuo crescimento econômico da região” (Montali, 1979, p. 87)

Silvana Krause (2002), no segundo capítulo de seu trabalho, intitulado “A indústria e o comércio em Santa Cruz do Sul”, faz um levantamento do perfil das 66 empresas inauguradas entre os anos de 1870 e 1930. Para Krause (2002, p. 74), a maioria das empresas inauguradas nesse período tinha uma característica essencialmente artesanal, pois operavam com uma média de cinco a dez operários: “poucas conseguiram passar dessa média no contexto analisado (1870-1930)”. Para Krause entre os anos de 1870 até 1890 foram inaugurados cinco estabelecimentos industriais; entre 1891 até 1900, a autora encontrou quatro novas empresas; entre 1901 até 1910 foram sete; no contexto que se insere a I Guerra Mundial, 1911 até 1920, foram quatorze novas empresas; e, de 1921 até a Revolução de 1930, Santa Cruz do Sul contava com vinte e sete novas indústrias¹. O século XX foi marcado pela emergência da indústria brasileira de substituição de importações e o estudo sobre Santa Cruz do Sul permite visualizar esse processo numa escala local.

Lílian Montali (1979) utilizou o termo *indústria*, mas com ressalvas, visto que, além dos empreendimentos que utilizavam maquinaria no processo produtivo, havia estabelecimentos artesanais, manufaturas e semimaquinofaturas que, para os padrões da época, poderiam ser classificadas como “fábricas”. As fontes utilizadas tanto por Montali quanto por Krause contêm divergências sobre o caráter artesanal do estabelecimento.

Marco Cadoná (2002) abordou os anos de 1940 e 1976; assim, procurou dar continuidade à pesquisa de Silvana Krause sobre a formação política desse empresariado. Mas as fontes usadas pelo autor foram constituídas basicamente pelas atas de reuniões da Associação Comercial e Industrial, entrevistas com um grupo de empresários locais, atas de reuniões da Câmara Municipal de Vereadores e reportagens dos jornais *Gazeta de Santa Cruz* e seu sucessor, *Gazeta do Sul*. Os resultados apresentados por Cadoná indicam os posicionamentos políticos e ideológicos da entidade re-

¹ Evolução do número de empresas fundadas em Santa Cruz do Sul descritas por Krause, 2002, p. 75.

presentativa do empresariado local sem analisar o perfil e a composição social desse grupo.

Para Cadoná, a Associação Comercial e Industrial de Santa Cruz do Sul (ACI) foi uma plataforma estratégica da elite local, pois contribuiu para a construção de programas que visavam ao desenvolvimento econômico da cidade. Vários integrantes da diretoria estiveram no poder público municipal e ensaiaram participação em legislaturas de nível estadual e federal. Isso permite visualizar o peso simbólico dessa instituição, reforçando os elementos da atuação e do recrutamento das elites locais descritos por Wright Mills sobre as cidades médias e pequenas dos Estados Unidos².

Merece destaque a sua capacidade de mobilização na defesa da economia industrial e agrícola do setor fumageiro, que, de acordo com Cadoná, estava no centro das discussões em torno do desenvolvimento de políticas públicas estruturais, como a modernização da rede de eletricidade, ligação rodoviária da cidade, saneamento e telefonia, que passaram por processo de modernização a partir de 1930.

Apesar das atas da ACI não mostrarem claramente a mobilização em torno da economia fumageira principalmente no período militar (1964-1985), percebemos que, na década de 1940, quando a indústria passou a ter maior peso na economia do município, a entidade foi peça fundamental na projeção do fumo no cenário nacional e internacional. Vale destacar sua participação junto ao governo estadual e federal com a finalidade de conseguir isenções de impostos para a exportação do produto.

Mesmo que, a partir das décadas de 1950 e 1960, o debate em torno da economia fumageira não fosse prioritário para a ACI, o setor não deixou de ser central nas estratégias de desenvolvimento da cidade. Isso porque o Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo), fundado na década de 1940, passou a debater mais especificamente os problemas relacionados com o ramo.

De acordo com Cadoná (2002), o papel desempenhado pela ACI foi o de representar os empresários da comunidade junto a organizações empresariais do Estado, como a Federação da Indústria do Estado do Rio Grande do Sul – Fiergs – e a Federação das Associações Empresariais do Rio Grande do Sul – Federasul, como também junto ao poder público estadual e federal, na perspectiva de fomentar políticas públicas vinculadas principalmente aos programas de desenvolvimento industrial e à construção de rodovias. Nesse sentido merece destaque a mobilização pela inclusão de Santa Cruz do Sul no programa de metas do governo Juscelino Kubitschek (1955-1960) e nos programas de expansão da rede elétrica, telefônica e rodoviária junto ao governo gaúcho:

[...] Requerimento do vereador Hildo Caspary, no sentido de que seja enviada mensagem ao Ministério da Indústria e Comércio, cumprimentando-o pela atuação do Ministério, solicitando o envio de técnicos para estudos sobre as condições de instalação de novas indústrias aqui, pedindo a inclusão de Santa Cruz do Sul no plano de industrialização da Região Sul e solicitando a cooperação imprescindível para a instalação em nossa cidade do Distrito Industrial. [...]3.

No que tange às relações com o poder público, não foi encontrada nenhuma ata contendo

² Sobre o assunto, o segundo capítulo de MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, é ilustrativo.

³ Ata de Reunião da Câmara Municipal de Vereadores, publicada no jornal *Gazeta do Sul*, 13 de junho de 1960, nº 47, p. 03.

críticas ao governo municipal. Isso evidencia a articulação da ACI na projeção da elite política de Santa Cruz do Sul. Mas, em relação ao governo estadual e federal, encontramos várias atas com crítica moderada, principalmente em relação a políticas que gerassem aumento de impostos e concessões de direitos trabalhistas.

Um exemplo disso pode ser visualizado na mobilização contra o aumento de 100% do salário mínimo proposto por João Goulart, quando era ministro do Trabalho de Getúlio Vargas (1950-1954). Esta medida causou indignação na ACI e em vários representantes da elite de Santa Cruz do Sul, que expressaram descontentamento com a medida e publicaram uma nota pública de crítica à proposta. Esse documento, enviado ao Ministério do Trabalho, foi publicado no jornal local, *Gazeta do Sul*.

SANTA CRUZ DO SUL, EM FACE DO SALÁRIO MÍNIMO DE Cr\$ 1.800,00. Após devidamente estudado o caso da decretação do salário mínimo de Cr\$ 1.800,00 por mês, para todo o Estado do Rio Grande do Sul, que deverá entrar em rigor em princípios de julho do corrente ano, a Associação Comercial de Santa Cruz do Sul formou o seguinte ponto de vista: É de se lamentar deveras que o governo, na qualidade de responsável pela harmonia e bem-estar nacional, e conseqüentemente também pela economia nacional, tenha tomado em tão má hora uma resolução cujos resultados serão sem dúvida os mais funestos, tanto pelo lado econômico de nosso Estado, como do social, na opinião das classes conservadoras de Santa Cruz do Sul, como sem dúvida das demais municípios do Estado, colocando o custo da produção local em franca disparidade com o das outras unidades da Nação.

Tanto podemos classificar de absurdo o critério adotado pelo Governo, que na própria classe trabalhadora local se observaram manifestações de desaprovação à medida, por ela representar nada mais nada menos do que a socialização paulatina do trabalho, eliminando aos poucos, mas inevitavelmente, a classificação do operário bom, médio e vagabundo, como ainda atingindo de cheio os profissionais, para os quais não será possível manter a proporcionalidade em face do salário mínimo, em que eram classificados, e em que teriam, praticamente, continuado se a elevação tivesse sido feito em bases razoáveis.

Como conseqüência imediata, podemos prever que o desemprego será bastante grande em nossa cidade, considerando que a indústria do fumo, a principal local, se verá coagida a suprimir muitos serviços, feitos até agora unicamente para efeitos de apresentação (rigorosa classificação de tipos de fumo numa mesma classe e qualidade), como ainda suprimindo praticamente por completo o serviço de destilação de fumo, por ser a mão-de-obra tão exageradamente cara, que não se poderá ter esperanças de colocar o produto, já que assim tem bastante disparidade com os preços do mercado internacional. Oscila, segundo os nossos cálculos, o número de operários (avulsos) empregados na indústria do fumo entre 1.000 e 1.500, não sendo exagerado prever que em face das supressões acima, serão dispensados cerca de 30% destes...

Quanto ao comércio varejista, a situação é ainda mais sombria, pois considerando que, com a pequena margem de lucro bruto que lhes proporciona a sua atividade, já vinha lutando com dificuldades para manter seus contínuos destinados a levar as compras aos consumidores e lhes indagar as necessidades, terão agora que suprimir estes, o que equivale dizer que no comércio de gêneros alimentícios a proporção dos dispensados será de mais ou menos 80% ou mais...

Perniciosos e muitíssimos serão os reflexos dos novos níveis de salário mínimo para a agricultura, pois, ao invés de contribuir para que o homem do campo nele permaneça, convida-o ainda mais a trocar sua ocupação pela cidade, onde seu trabalho é bem melhor pago, já que o produto de sua produção não lhe proporcionará o nível de vida que lhe proporciona o salário mínimo na cidade...

Temos certeza de que não haverá indústria que não se verá coagida a rever o quadro de sua organização, a fim de tirar o melhor proveito possível da mão-de-obra empregada, como su-

primir o que for supérfluo, ou possa ser trocado por meio mecânico.⁴

Esse segmento se posicionava criticamente quando seus interesses estavam ameaçados por ação governamental, e, com essa medida, o principal setor que garantia o desenvolvimento da indústria, do comércio e da agricultura local, a economia fumageira de Santa Cruz do Sul, estava no centro das discussões.

Em relação aos posicionamentos político-partidários, os empresários procuravam estar alinhados a partidos fortes no âmbito nacional. Durante o período populista (1945-1964) a maioria dos diretores da ACI era filiada ao Partido Social Democrático (PSD), enquanto que no Regime Militar (1964-1985) ocorreu um deslocamento para a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Essa tendência se explica em função do estabelecimento de uma aproximação com o poder público estadual e federal.

Em relação à mobilização em torno do desenvolvimento dos transportes, notamos que a ACI percebia que a linha ferroviária estava entrando em crise, a partir da década de 1960, e, diante desse fato, era necessário articular com outras esferas de governo objetivando à sua substituição pelo sistema rodoviário, com conexão direta para a capital estadual, Porto Alegre.

A crise da economia fumageira no final da década de 1960 fez a ACI e os setores da elite local, ligada diretamente a ela, iniciar mobilização de defesa do setor. Na gestão do presidente Ernani Kipper (1969-70) houve forte mobilização visando à redução de impostos para a exportação. Este relatório expressa a preocupação com o fumo:

Em vista da difícil situação por que passam os exportadores de fumo de folha e, por consequência, as dificuldades que isso acarreta também aos nossos agricultores, fizemos explanação do problema em reunião de presidentes de Associações Comerciais de Porto Alegre, defendendo a tese de isenção de impostos de circulação de mercadorias sobre o fumo em folha na exportação para o exterior, em apoio ao movimento que os próprios empresários do fumo estavam realizando. Posteriormente integramos uma comissão encarregada da elaboração de um memorial ao Governo do Estado explicando a situação. Disso surgiu posteriormente o Decreto nº 20.127 de 15/10/1970, isentando de ICM as saídas para o exterior de algumas classes de fumo das safras de 1969 e 1968⁵.

Outra característica da entidade era a afinidade ideológica com a Fiergs e a Federasul, registrada na ata da ACI nº 216 de setembro de 1962, quando um dirigente da Federasul veio à cidade avaliar a conjuntura política nacional com os dirigentes da ACI.

O ilustre presidente da Federação das Associações Comerciais atenderá convite da Associação Comercial desta cidade. [...] A Associação Comercial de Santa Cruz do Sul receberá visita oficial do Dr. Álvaro Coelho Borges, presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado. [...] O ilustre atenderá convite da entidade local do comércio e indústria e aqui manterá contatos com as classes conservadoras, esclarecendo-as sobre a orientação das entidades em relação à conjuntura econômica nacional. [...] Recepcionado pelos diretores da Associação Comercial na sede da mesma, ocasião em que será inteirado dos projetos de expansão em andamento naquela entidade de classe. Com enorme interesse, atendeu ao convite da entidade

⁴ Ata de reunião da diretoria da ACI nº 132, de 13 de maio de 1954.

⁵ Relatório da diretoria relativo ao período de 22 de março de 1969 a 28 de fevereiro de 1970, p. 34. Presidente Ernani José Kipper. Arquivo da Associação Comercial e Industrial de Santa Cruz do Sul.

local, considerado uma referencia toda especial à “metrópole do fumo”.⁶

Nessa época, o governo João Goulart havia lançado um plano de reformas estruturais para a sociedade brasileira⁷, e a elite política e empresarial de Santa Cruz do Sul procurava ficar inteirada do posicionamento dos grupos dominantes no âmbito estadual e nacional. Mas foi nas entidades do ramo fumageiro que a elite local passou a ter efetiva mobilização em um contexto marcado pela internacionalização da indústria fumageira. Durante o período militar, a ACI desenvolveu uma série de estratégias visando criar condições para a modernização do parque industrial de Santa Cruz do Sul. A entidade tinha claro que a economia da cidade estava passando por uma fase de transformações e estava ciente da nova política econômica que fora adotado pelos militares. Esse processo marcou a etapa final da chamada “industrialização nacional de Santa Cruz”, pois, com a abertura às empresas estrangeiras, a cidade passou a assistir a uma elevação do nível de negociação do fumo em escala internacional.

2. As relações com o capital estrangeiro e a comunidade

Dando continuidade à periodização proposta por Montali, assinalamos que o segundo período iniciou em 1966 e se estendeu até o ano de 1976. Foi marcado pelo processo de internacionalização da economia fumageira induzido pela nova conjuntura política em nível federal. Esse processo representou um novo estágio no desenvolvimento econômico da cidade e impactou a rede social de prestígio existente até aquele momento. É inegável que a conjuntura nacional teve um peso maior nesse processo e até foi determinante para os rumos da economia local. Assim como ocorreu na economia nacional, a consolidação da industrialização de Santa Cruz do Sul foi paralela à presença do capital estrangeiro⁸.

A partir de 1918, o grupo B.A.T. introduziu o fumo da classe “Virgínia”, numa parceria firmada entre os agrônomos da empresa e os pequenos agricultores da zona rural do município. Esse processo abriu uma nova etapa na dinâmica da produção do tabaco no interior de Santa Cruz do Sul, pois lançou mão do método assentado no sistema integrado de produção, em que, após a colheita, a folha de fumo partia para a secagem artificial nas estufas antes de ser beneficiada. Vale destacar que essa tecnologia começou a se estruturar no início do século XX em algumas fazendas-modelo no México e no sul dos Estados Unidos. A partir de 1918 ela foi transplantada para a América Latina, transformando todo o sistema de produção agrícola através de uma padronização das técnicas que iniciava pela plantação, passando pelo aperfeiçoamento dos cuidados com o fumo,

⁶ *Gazeta do Sul*, 1º de setembro de 1962, ano 18, nº 103, p. 01.

⁷ Elas eram chamadas pelo governo Goulart de Reformas de Base. Tratava-se de uma série de políticas de caráter democratizante para serem aplicadas na sociedade brasileira. Consistiam na reforma agrária, voto ao analfabeto, reforma educacional, controle do capital estrangeiro e ampliação dos direitos trabalhistas para os trabalhadores do campo. Sobre esse assunto ver SKIDMORE, Thomas E. *De Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸ Merecem destaque as colocações de Olgário Vogt (1997) sobre a reorientação da economia fumageira local com a instalação da “The Brazilian Tobacco Corporation” (B.T.C.) em 1918. Essa multinacional passou a ser conhecida mundialmente como British American Tobacco (B.A.T), gestora da Companhia Brasileira de Fumos em Folha, que seria conhecida com esse nome entre os anos de 1920 e 1955, quando mudou o nome fantasia para Souza Cruz. De acordo com Vogt (1997), o empreendimento foi financiado pela empresa inglesa British American Tobacco (B.A.T), que, três anos antes, em 1917, havia assumido o controle acionário da matriz, criada em 1903, no Rio de Janeiro. Esse grupo econômico seria a maior empresa de fabricação de cigarros do mundo.

a adubação e chegando até o melhoramento da secagem nas estufas artificiais.

Olgário Vogt (1997) destaca que a indústria fumageira local passou a incrementar o beneficiamento do fumo, que era exportado em forma bruta até 1919, passando a fazê-lo de modo mais qualificado, através do emprego de processos mais modernos, como o de esterilização das folhas. Além disso, a fabricação de cigarros passou a ser feita de maneira sofisticada, tendo em vista o progressivo aumento da demanda e a preocupação com a manutenção de um padrão de qualidade. Com esse processo, a partir de 1937, o setor fumageiro local, em especial a Companhia de Fumos Santa Cruz S/A, passou a produzir cigarrilhas e charutos em larga escala, graças aos melhoramentos da folha de fumo que haviam sido introduzidos pela B.A.T. e massificados entre os pequenos agricultores.

A elite local reconhecia a importância da indústria fumageira para o desenvolvimento da cidade, pois vemos manifestações de apoio registradas nos relatórios da intendência municipal, como o de 1922, assinado pelo intendente Coronel Gaspar Bartholomay, que fazia elogios às novas técnicas de secagem em estufas que a B.A.T. introduziu no meio rural. Para o Coronel Bartholomay (1922), o melhoramento nas técnicas de plantio e secagem das folhas consolidaria o fumo de Santa Cruz do Sul no mercado nacional e o projetaria no mercado internacional⁹.

O prefeito José Wohlgemuth Koelzer, em seu relatório de 1933, apresentado ao interventor federal, reforçou a importância do novo processo de adubação iniciado pela B.A.T. a partir de 1920, que reduzia o tempo de permanência da planta na lavoura. De acordo com o relatório, o plantio era combinado com a uniformização das técnicas de manejo e tinha como resultado a aceleração da maturação das folhas antes de passarem para o processo de secagem nas estufas. A rápida assimilação das técnicas de plantio mostra que os produtores estavam alinhados com as transformações ocorridas na dinâmica da economia fumageira no início do século¹⁰.

Nos anos que se seguiram à implantação do regime militar brasileiro, a partir de 1964, ocorreu a intensificação da crise econômica do cigarro, provocada pela restrição de créditos por parte do governo federal, ocasionando o desmantelamento progressivo das empresas de capital nacional do setor fumageiro. Esse processo se desencadeou numa conjuntura marcada, internacionalmente, pela mobilidade do capital estrangeiro nos países periféricos em busca de mão-de-obra barata, legislação favorável e matéria-prima. Podemos apontar três fatores que contribuíram para o rápido processo de internacionalização da indústria fumageira de Santa Cruz do Sul, iniciado a partir de 1966:

Em primeiro lugar, o conflito na Rodésia, ex-colônia britânica, que passou a ter problemas diplomáticos com a comunidade internacional. Esse país era grande produtor de fumo, sendo governado por uma minoria branca desde os tempos em que era colônia inglesa. Esse grupo manteve uma feroz ditadura, dominando e segregando a maioria negra mesmo depois da independência. A partir de 1965, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) passou a pressionar o governo segregacionista para que desse maior abertura política à maioria negra. Porém, esse processo não ocorreu e então o governo britânico passou a estabelecer uma série de restrições aos investimentos na região, o que incluía a retirada de empresas do ramo fumageiro, que se des-

⁹ Relatório da Intendência de Santa Cruz, 1922, p.13. Intendente Gaspar Bartholomay. Centro de Documentação Histórica da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC), Fundo Relatórios de Intendência e Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul.

¹⁰ Relatório da Prefeitura de Santa Cruz, 1933, p.42. Prefeito José Wohlgemuth Koelzer. Centro de Documentação Histórica da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC-UNISC), Fundo Relatórios de Intendência e Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul.

locaram para a América do Sul, especialmente a região em torno de Santa Cruz do Sul.

O segundo fator foi a política macroeconômica do governo federal, que foi posta em prática a partir da implantação da ditadura militar. Ela tinha três pilares: grande empresa estatal, grande empresa nacional e capital estrangeiro. O governo federal cortou boa parte dos créditos para as empresas nacionais de porte médio. Isso ocorreu numa conjuntura em que o fumo precisava se adequar à nova tendência internacional. Além disso, o governo favorecia o acesso a investimentos para a instalação de empresas de capital estrangeiro no Brasil, sendo inclusive avalista delas nos empréstimos internacionais. Esse processo teve um peso fundamental para a desregulamentação das empresas locais, que ficaram sem linhas de financiamento para modernizar sua produção.

Em terceiro lugar, deve-se mencionar a inserção competitiva do fumo de Santa Cruz do Sul no cenário econômico internacional. É inegável que o processo de articulação do mercado internacional contribuiu para esse deslocamento, que trouxe grandes possibilidades de transformação para a cidade. As empresas locais, não conseguindo modernizar suas estruturas produtivas através de investimentos em tecnologia que o mercado demandava, começaram a quebrar uma a uma. Como o custo do beneficiamento passou a se tornar elevado frente à pressão do mercado, as empresas estrangeiras começaram a comprá-las à medida que iam entrando em concordata ou vendendo suas ações.

Esse processo tem ligação com os dois fatores anteriores. A crise da Rodésia possibilitou o aumento do comércio de fumo e pressionou a capacidade produtiva local. As empresas estrangeiras se deslocaram e tiveram grandes vantagens em função da política econômica do governo militar e passaram a investir pesadamente na economia local. As bases para a aceitação do capital estrangeiro foram sendo construídas a partir de 1966 com a Festa Nacional do Fumo. Nesse ano, os efeitos do processo de internacionalização já estavam sendo sentidos pela elite local. Vale relembrar que nessa época a ACI estava se mobilizando para solucionar a crise da indústria fumageira. O setor não estava conseguindo dar conta das transformações que ocorriam na economia. Com nova razão social, a Companhia Brasileira de Fumos em Folha passou a ser conhecida como Souza Cruz e, graças à conjuntura favorável, conseguiu alavancar pesados investimentos em infraestrutura, aumentando consideravelmente seu estabelecimento em Santa Cruz do Sul.

O ingresso de uma subsidiária do porte da British American Tobacco Company na pequena cidade de Santa Cruz do Sul incentivou as empresas locais a organizarem uma indústria fumageira de capital nacional que podia competir em igualdade de condições com o grupo anglo-americano. As relações com a British American Tobacco sempre foram marcadas pela parceria, pois, além da inserção da cidade no mercado internacional de cigarros, a empresa estrangeira trouxe uma nova cultura de racionalidade na produção tabaqueira local (Noronha, 2012).

De acordo com Montali, até a década de 1960, grande parte das empresas fumageiras de Santa Cruz do Sul era de capital local, e o desenvolvimento dessas empresas estava condicionado ao lucro obtido no comércio nacional. O processo de modernização era projetado em longo prazo, e as melhorias produtivas normalmente eram trazidas pela British American Tobacco, que, no período de 1918 até 1966, era a única empresa de capital estrangeiro instalada na região. Para Olgário Vogt, a rápida inserção do capital estrangeiro na economia fumageira, a partir de 1965, consolidava a hegemonia da indústria em relação à produção de fumo, pois esse segmento, detendo maiores recursos e capacidade de inovação tecnológica, introduziu uma nova relação de compra e venda do tabaco em detrimento dos comerciantes.

Quando o setor fumageiro passou a ser o eixo na produção agrícola de Santa Cruz do Sul, entre 1880 e 1920, os comerciantes e os caixeiros-viajantes exerciam um papel de intermediários

entre o agricultor e o industrial, sendo inclusive uma das maiores forças políticas da cidade. Quem provocou a progressiva ruptura entre o comerciante e o agricultor foi o capital estrangeiro, em especial a British American Tobacco, que, com maior capacidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, passou a substituir os caixeiros-viajantes que eram comuns até a década de 1930.

De acordo com Vogt (1997), a introdução do sistema integrado de produção foi uma dessas estratégias que possibilitou ampliar o controle sobre o produtor, mas outro elemento importante nesse mesmo contexto foi o conhecimento que as empresas estrangeiras tinham da região de Santa Cruz do Sul. Para Vogt, elas não caíam de para-quedas, pois tinham amplos estudos de cunho geográfico, cultural e político da comunidade. Alfredo de Ludwig¹¹, após entrevistar os diretores da Companhia Brasileira de Fumos em Folha, nomeou as razões para a subsidiária do grupo anglo-americano British American Tobacco estabelecer-se na cidade de Santa Cruz do Sul:

1º Por serem as terras nesta região apropriadas para o cultivo do fumo de estufa, com clima moderado com precipitação de chuvas igualmente distribuídas sobre todos os meses do ano.

2º O sistema de agricultores em pequenas propriedades ser o mais adequado para o cultivo do fumo de estufa, tendo as experiências produzido melhores resultados onde os donos das terras tratam, juntamente com suas famílias, deste cultivo.

3º Por ser um tipo de colonos caprichosos, dedicados ao trabalho [...].

4º Santa Cruz, já era conhecida como um centro de cultura de fumo de galpão, com uma produção importante, já tendo firmas exportadoras destes fumos para a Europa, e vários negociantes compradores no interior do município [...]

5º Santa Cruz já era servida pela estrada de ferro, como meio de transporte.

O conhecimento especializado que as empresas estrangeiras tinham de Santa Cruz do Sul possibilitou estruturar as condições sociais e culturais para sua inserção. A mão-de-obra barata, a energia elétrica, o sistema de água encanada e a possibilidade de escoamento da produção através da estrada de ferro foram os fatores estruturais para a instalação da empresa na cidade. O casamento entre o capital estrangeiro e a comunidade ganhou corpo na década de 1960, quando foi organizada a Festa Nacional do Fumo, mudando a identidade regional da cidade.

3. A desnacionalização das empresas fumageiras de Santa Cruz do Sul

As condições estruturais criadas pelo governo brasileiro, a partir de 1966, contribuíram para a entrada maciça do capital estrangeiro na economia de Santa Cruz do Sul. A maioria das empresas que tinham surgido no período de 1918-1966 passaram a ser compradas pelas multinacionais. As empresas instaladas depois de 1965 foram: Armada S.A. Indústria e Comércio, oficialmente, naquele contexto, de capital nacional e administrada por santa-cruzenses, sendo na verdade, segundo Montali (1979), de capital alemão; Meridional de Tabacos S/A, instalada em 1975, pertencente ao grupo francês Service D'Exploration Industrielle des Tabacs et des Allumettes (S.E.I.T.A.); Exportadora de Tabacos do Brasil (ETABRA.), instalada em 1970, do grupo Austin Company, de capital norte-americano.

¹¹ Entrevista realizada por Alfredo de Ludwig sobre o Centenário de Santa Cruz do Sul. *Jornal Gazeta de Santa Cruz*, 03 de Agosto de 1949, p. 01. Disponível no Centro de Documentação Histórica da Universidade de Santa Cruz do Sul – CEDOC-UNISC.

Além desses grupos estrangeiros, podemos visualizar um quadro panorâmico das principais empresas de beneficiamento de fumo e fabricação de cigarros que foram fundadas e consolidadas no período de 1918-1966 e passaram a ser progressivamente incorporadas por multinacionais. A trajetória desses empreendimentos foi descrito por vários pesquisadores, como Silvana Krause (2002), Olgário Vogt (1998), Lilian Montali (1979) e Jean Roche (1969). Além disso, há várias monografias de empresas, peças publicitárias e artigos de memorialistas que abordam a trajetória dessas empresas na cidade. Construímos um painel do processo de formação, consolidação e internacionalização das empresas de beneficiamento de fumo e fabricação de cigarros de capital local/nacional que contribuíram para a industrialização de Santa Cruz do Sul entre os anos de 1918 e 1966.

De acordo com Krause (2002), a Kliemann & Cia. foi fundada em 1915 por João Nicolau Kliemann, atuava no ramo de beneficiamento de fumo e possuía cerca de 130 operários, ocupando um espaço de 450 m², com maquinário movido a vapor. Segundo Roche (1969), esse empreendimento iniciou com uma pequena carroça puxada por bois e cavalos e atuava no interior comprando e vendendo fumo. Krause afirma que, depois da inauguração, em 1915, ela passou a exportar fumo beneficiado para todo o país. Conseguiu resistir ao processo de internacionalização através de associação com empresas estrangeiras menores, mas, na década de 1980, foi comprada pela Universal Leaf Tobacco, a maior empresa de beneficiamento do mundo, de capital norte-americano.

A Universal acabaria comprando e monopolizando a maioria das empresas de beneficiamento de fumo da cidade, com potencial de atuação em âmbito regional, e fornecia o fumo beneficiado para as poderosas indústrias de cigarros como a Souza Cruz e a Philip Morris.

Outra empresa que emergiu no mesmo contexto que a Kliemann foi a José Etges Filho & Cia., que, segundo Krause, possuía máquinas movidas a eletricidade e ocupava uma área de 1.600 m², com uma média anual de 40 operários. Iniciou com o nome de José Etges & Cia., um pequeno depósito de compra e venda de fumo localizado no interior; depois do falecimento do pai, o filho mudou a razão social para José Etges Filho e transferiu a sede para a vila. Expandiu os investimentos e passou a exportar fumo destalado para todo o país. Com o falecimento do neto, a empresa foi comprada pela Tabacos Tatsch, de capital local, que seria comprada pela norte-americana Universal.

Além dessas, havia a Helmuth Schütz & Cia., empresa de beneficiamento fundada pelos “barões do fumo local”. Uma das mais importantes fábricas de cigarros de Santa Cruz do Sul até 1917 e chegou a uma média anual de 120 operários, com “*machinas electricas modernas*”, segundo os anúncios da época, ocupava uma área de 600 m². Os Irmãos Schütz eram uma das principais empresas que iriam inaugurar, em 1918, a “*poderosa Cia. de Fumos Santa Cruz*”. Krause afirma que era a única que possuía capacidade de confeccionar cerca de 150 mil cigarros por dia, com um mercado interno de elevado potencial, pois negociava seus produtos em todos os estados do país. Os Schütz fecharam o empreendimento na década de 1930 para se dedicar à Companhia de Fumos Santa Cruz S/A, de que foram acionistas majoritários.

Outras duas empresas identificadas por Krause (2002) foram a Theodoro F. Schilling & Cia, que atuou com uma média de 120 operários e tinha uma área de 700 m², e a Adolfo Iserhard & Cia., que trabalhava com 75 operários em uma área de 1.400 m². Montali destaca que em ambas a evolução passou da agricultura familiar para o comércio e o posterior investimento na chamada “indústria”, pois seus registros apontam a existência de máquinas elétricas combinadas com lotes de terras da empresa, que possivelmente era da família, para a produção de fumo. Os dois empreendimentos atendiam o mercado estadual e atuaram na estruturação da Cia. de Fumos. Foram compradas pelos Tatsch na década de 1940.

A empresa Tabacos Tatsch & Cia. foi fundada em 1905, tendo o empresário Fernando Tatsch como principal acionista. Ele iniciou sua trajetória com uma pequena casa de comercialização de fumo seco e destalado que era comprado diretamente dos agricultores. Em 1934, passou a utilizar máquinas elétricas para o beneficiamento do fumo e chegou a contar com uma média anual de 80 operários. Por alguns anos, chegou a ser uma das principais empresas de beneficiamento de fumo da região, só perdendo para a Exportadora Hennig. Sua estratégia empresarial combinava a compra de pequenas empresas locais e a negociação direta com produtores e fabricantes de cigarros no exterior; assim conseguiu manter uma paridade estratégica que a fez sobreviver por muitos anos. Na década de 1970, associou-se com a Tabacos Brasileiro Ltda. e depois foi comprada pela Universal Leaf Tabacos dos EUA. A família Tatsch manteve um crescimento estável no setor de beneficiamento de fumo e investiu no setor de construção civil; além disso, foi uma das últimas empresas a resistirem ao processo de internacionalização do setor¹²

A maior empresa de beneficiamento de fumos de Santa Cruz foi a Exportadora Hennig S/A, fundada em 1888 por Augusto Hennig. O grupo empresarial foi um dos maiores da região, sendo formado pelo estabelecimento de beneficiamento de fumo, uma indústria de cigarros, uma casa bancária e uma transportadora. A sede da empresa ficava na cidade de Santa Cruz do Sul, com uma filial no distrito rural de Sinimbu. Segundo Krause (2002), sua empresa de fumos tinha uma área de 3.025 m² e atuou com uma média anual de 135 operários. Ela foi a primeira empresa do Rio Grande do Sul a possuir máquinas de destalar fumo com processamento automático movido a energia elétrica. Os negócios do fumo duraram até 1970, quando foi comprada pelo grupo econômico Armada S/A, ligado aos Brinkmann, de capital alemão¹³. Na década de 1980, o grupo norte-americano Universal Leaf Tobacco incorporou todas as ações da empresa.

Outra empresa importante foi a Boettcher Wartchow S/A, fundada em 1932 por Carlos Boettcher Filho. Esse estabelecimento operou com nome individual até 1951, quando passou a denominar-se Carlos Boettcher & Cia. Em 1957, com o falecimento de seu fundador, a razão social passou para Boettcher Wartchow & Cia. Ltda. A família acabou vendendo a empresa para a Universal Leaf Tobacco nos anos de 1970. Além dessa, havia a Kannenberg & Cia. Ltda., fundada em 1950 como firma individual de Lindolfo Kannenberg em Sinimbu, então distrito de Santa Cruz do Sul; trabalhando no ramo fumageiro, a empresa foi incorporada pela Universal Leaf Tabacos em 1970¹⁴.

Santa Cruz do Sul contava com outra indústria de cigarros, a filial paulista da Fábrica de Cigarros Sudan S/A, com sede em São Paulo. Ela foi a única de capital nacional que não foi vendida no processo de internacionalização, pois seu patrimônio era dirigido por uma fundação que vinculava sua venda ao controle de um hospital de São Paulo. Entrou em processo de falência na década de 1980, até ser incorporada pela Souza Cruz.¹⁵

A Companhia de Fumos Santa Cruz S/A foi fundada em 1918 numa fusão de parte importante dos empresários locais descritos nesse texto. Foi a maior empresa de fabricação de cigarros de capital nacional do sul do Brasil, em 1975 acabou sendo comprada pela Philip Morris. Na tabela 1 podemos visualizar o processo de industrialização e internacionalização da economia fumageira de Santa Cruz do Sul no período de 1918 até 1976:

¹² Sobre o assunto podemos remeter ao terceiro capítulo da dissertação de mestrado de Noronha (2006) e aos trabalhos de Vogt (1997) e Montali (1979).

¹³ Fontes: Krause, 2002; Montali, 1979; Vogt, 1997.

¹⁴ Fonte: Vogt (1997).

¹⁵ Fontes: Montali (1979), Vogt (1997) e Cadoná (2001).

Tabela 1 – Santa Cruz do Sul: A desnacionalização da indústria do fumo

Empresas instaladas até 1965(*) (por origem do capital)	Alterações na propriedade das empresas entre 1966 e 1974 (por origem do capital)	Propriedade das empresas em 1975/77 (por origem do capital)
Fabrica de Cigarros Sudan S/A – (Nacional)	Fabrica de Cigarros Sudan S/A – (Nacional)	Fábrica de Cigarros Sudan S/A – (Nacional)
Cia. de Fumos Santa Cruz – 1918 (Nacional)	Grupo Remtsmann – 1970 (Alemão)	Philip Morris Inc. – 1975 (Americano)
Cia. de Cigarros Souza Cruz – 1917 (Anglo-Americano)	Cia. de cigarros Souza Cruz – (Anglo-Americano)	Cia. De Cigarros Souza Cruz – (Anglo-Americano)
Cia. de Cigarros Sinimbu – 1948 (Nacional)	Grupo Brinkmann – 1970/72	RJ Reynolds Tab. do Brasil – 1975 (Americano)
Tabacos Tatsch S/A – 1932 (Nacional)	Tabacos Tatsch S/A – (Nacional)	Tabacos Brasileiros Ltda. – 1976 – (Americano)
Kliemann & Cia. – 1915 (Nacional)	Kliemann & Cia. (Nacional)	Kliemann & Cia. – (Nacional)
Exportadora Hennig S/A – 1890 (Nacional)	Armada S/A – Ind. e Com. – 1968 (Alemão) ¹⁶	Armada S/A – Ind. e Com. (Alemão)
Boettcher e Wartchow – 1932 (Nacional)	Boettcher e Wartchow – (Nacional)	Boettcher e Wartchow – (Nacional)
	Tabra – Exp. de Tabacos do Brasil Ltda. – 1970 (Americano) ¹⁷	Tabra – Exp. de Tabacos do Brasil Ltda. (Americano)
	Cia. Meridional de Tabacos – 1974 (Francês) ¹⁸	Cia. Meridional de Tabacos (Francês)

Fonte: Montali, L. *Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista: produção de fumos em Santa Cruz do Sul*, 1979. p. 72.

Através dessa análise econômica, percebemos que o nível de negociação esteve articulado com as mudanças políticas, pois a conjuntura regional, nacional e internacional foi determinante para a emergência, consolidação e internacionalização desse setor. Com essa análise é possível compreender alguns aspectos da atuação política da comunidade no período compreendido desde a proclamação da República, até a nova política econômica federal que desencadeou a internacionalização da indústria local. Nesse longo período, a elite local possuía capital empresarial apoiado no setor fumageiro e mobilizava esse potencial na sua atuação política, porém com a mudança nos anos de 1970 teve que reconverter para outros negócios.

Considerações Finais

Esse trabalho procurou analisar o processo de consolidação da indústria fumageira de uma comunidade de imigrantes alemães localizado a 200 km de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. A cidade de Santa Cruz do Sul emergiu ao longo do século XX como uma das principais referências no setor de produção de fumo, beneficiamento e fabricação de cigarros do sul do Brasil. O município assistiu um processo de associação com o capital estrangeiro no início de sua industrialização que ganhou força com a implantação da política-econômica do regime militar brasileiro em 1966.

Uma das transformações que podemos avaliar nesse processo foram as constantes mudanças de sua identidade local/regional que merece um estudo específico apoiado em fontes primárias. O que observamos na longa duração do século XX foi uma valorização do germanismo como elemento de coesão da comunidade até a II Guerra Mundial. Posteriormente, percebemos um distanciamento dessa identidade de cunho étnico que foi reconstruída na valorização da produção

(*) Em nota, Silveira não encontra informações quanto ao futuro, após 1956, das empresas Ind. de Tabacos Santa Cruz do Sul Ltda. e Carl Leoni Torres & Cia. Ltda.

¹⁶ Controlada pelo grupo Gebrüder Kuhlentampf.

¹⁷ Controlada pelo grupo The Monk Austin Co. Inc.

¹⁸ Criada a partir da união de parte do capital da Boettcher Wartchow com a estatal francesa SEITA.

fumageira. A cidade foi conhecida como Capital Nacional do Fumo, numa perspectiva semelhante a outros centros urbanos regionais como Novo Hamburgo, Capital Nacional dos Calçados ou Caxias do Sul, Capital Nacional da Uva e do Vinho. Porém, a campanha anti-tabagista que emergiu no Ocidente em meados de 1970 fez a comunidade retomar sua identidade étnica. Além disso, como se passaram quase 40 anos do final da II Guerra e seus desdobramentos raciais que tanto constrangiam as colônias alemãs no Brasil, a problemática do germanismo local pode ser reestruturado numa perspectiva turística. A formação da Oktoberfest no início da década de 1980 contou com forte apoio das empresas estrangeiras que consolidaram sua hegemonia na cidade.

Nesse processo a comunidade de imigrantes alemães que estruturaram um parque industrial do setor fumageiro no século XX construiu um engajamento identitário e empresarial articulado com a conjuntura global. A hipótese apontada na tese de doutorado (Noronha, 2012) foi que existiu um teto na capacidade de negociação que fez essas famílias abrirem seus respectivos capitais aos estrangeiros. Essa tese quebra com a narrativa amplamente difundida de que o pai construiu o empreendimento e o filho levou a falência. Aos reconstruir a rede de relações de cada empreendimento fumageiro, identificamos que parte importante dos antigos proprietários acabaram ocupando algum cargo de direção no momento que a empresa foi comprada pelo capital internacional.

Referências

- CADONÁ, Marco André. **Expansão e consolidação do capitalismo e formação da classe industrial em Santa Cruz do Sul (1940 a 1976)**. 120f. 2002. Relatório de Pesquisa – Departamento de Ciências Humanas, Núcleo de Pesquisa Social. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul, 2002.
- KRAUSE, Silvana. **Migrantes do tempo: vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na República velha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- MONTALI, Lília. **Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista: produção de fumo em Santa Cruz do Sul**. 167f. 1979. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Universidade de São Paulo, 1979.
- NORONHA, Andrius Estevam. **Beneméritos empresários: história social de uma elite de origem imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 370 f., 2012.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- VOGT, Olgário. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul – RS (1849-1993)**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.